

## BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS DISTINCTOS POR LETRAS, ARMAS, VIRTUDES, ETC.

---

### FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO.

Se um dos modernos arraiaes da provincia de Minas foi o berço do poeta epico do Brasil, que primeiro se fez conhecido, em outro semelhante arraial tambem dos mesmos sertões havia já alguns annos antes visto a luz o cantor do Caramurú. Nem que a providencia quizesse logo presentear com dois genios essa porção de territorio de constituição talvez mais antiga (segundo os factos geologicos recentemente observados) do que todo o restante da terra visitada. territorio que já a mesma providencia dotára de tanto ouro, — e que, livre de prognosticos, se pôde bem asseverar ser o devido foco para a concentração da nacionalidade e civilisação brasileira (\*).

(\*) Não é este o lugar proprio para tratar do assumpto, que se vai encabeçar com a da melhor situação da futura universidade brasileira; requer elle muitissimo desenvolvimento para ser apresentado com toda a evidencia: deixemos por ora só em prophecia que sendo Minas o estamago do Brasil, nunca será vigorosa e genuina litteratura, que d'ahi não tire as forças, o vigor, a origem. — Com effeito se está recebido em these que em paizes tropicaes nas chadas ou rechanos elevados tem os habitantes mais actividade, e o clima se presta mais aos trabalhos do espirito, o que até comprovaram os indigenas americanos, no Mexico, Peru etc., — a nenhuma provincia do Brasil tocará melhor o apanagio d'esse foco de letras e sciencias, d'essa tão indispensavel universidade, do que a Minas, até pela excessiva abundancia e barateza do necessario a vida. — Neste caso o saudavel e prospero local, e a maior facilidade de communicações em todos os raios, apontam para S. João d'El-Rei.

Qual dará mais garantia de futuras feições nacionaes, uma cidade no coração do Estado, ou outra maritima sempre desnacionalisada pelo continuo apparecimento de vasos com bandeiras diferentes e pronuncia de linguas estrangeiras? — Onde haverá mais espe-

que d'ahi radiaria melhor para toda a parte, descendo com as aguas dos grandes rios que lá tem seu berço e cabeceiras, e depois crescem e tomam corpo, e estendem possantes braços para direcções oppostas.

José Durão era nascido na Cata-Preta, arraial do N. Senhora da Nazareth do Infeccionado, quatro leguas ao norte da cidade episcopal de Marianna. Ignoramos porém a filiação, anno do nascimento e primeiros estudos do autor do Caramuru; e o seu nome e naturalidade conhecemos talvez só porque elle os publicou no seu livro. Tambem sabemos, por elle assim o declarar, que era religioso professo na ordem dos eremitas de Santo Agostinho, isto é, graciano; mas ignoramos se essa profissão fez antes ou depois de 1736, anno em que se doutorou em theologia na universidade de Coimbra, segundo informação que a tal respeito obtivemos de um erudito lente da mesma universidade, o Sr. Dr. Nunes de Carvalho: mais é certo que se não tinha professado, como é muito natural, o fez logo, pois que em 1738, na Sé de Leiria prézou elle em acção de graças pelo restabelecimento do rei D. José, escapo da mysteriosa scena de 3 de Setembro (\*), um sermão que lhe grangeou publica nomeada.

cialidade de um caracter proprio, nos campos e matos sem iguaes, ou ao pé da agua salgada que vai lambear as praias de todo o mundo?—No sertanejo de panche e bota mineira, ou no *dandy* vestido á ingleza, e penteado e perfumado á franceza? De mais em regra qualquer Estado, quando não fór primeira potencia maritima, tem mais seguras e livres as cidades do sertao, do que as maritimas, de insultos e provocações estrangeiras... A introdução dos caminhos de ferro e o tempo decidirão mesmo se não convira o muito que o Rio de Janeiro, conservando, como é impossivel que não conserve para sempre, o emporio do commercio, ceda por vantagem sua e do imperio que a capital.... Mas nada de nos mettermos em questões que não terão de certo escapado a meditação dos homens d'Estado, e que nem são para aqui, nem da nossa competencia.

(\*) O texto de que se serviu foi: « *Benedictus Deus tuus qui conclusit homines, qui levaverunt manus suas contra Dominum meum Regem.* »

- Tinha premeditado uma viagem á Italia, quando para a realizar se lhe proporcionou uma occasião, obrigada segundo se creê. Em 1762 appareceu em Leiria uma pastoral do bispo D. João da Cunha, fulminando os jesuitas expulsos, e diz-se que o nosso poeta se esqueceu de modo que o bispo era irmão do seu provincial Fr. Carlos da Cunha, que para não ser por este perseguido teve de sahir do reino. Quaes fossem os motivos para essa premeditada perseguição não sabemos ao certo. Diz-se que foi a indiscrição do talentoso theologo novico de revelar e até jactar-se haver elle sido autor da pastoral assignada pelo prelado.

Duvidamos que essa fosse a causa, já porque não reputamos no caracter do nosso epico essa deshonrosa revelação, arrogando-se uma obra de que não careceria para sua reputação, já porque dos seus versos (C. X. est. 53 e seg.) colligimos que elle nutria a respeito dos jesuitas sentimentos oppostos aos do seu contemporaneo autor do Uruguay. E' mais provavel achamos que elle criticasse e não compôzesse uma pastoral contra jesuitas, e que essa critica lhe trouxesse receios de perseguição dos agentes do marquez de Pombal. O certo é que passando-se á Hespanha com intentos de seguir para Italia, foi preso por espia ao atravessar aquelle reino, que acabava de declarar a Portugal essa guerra, que terminou logo depois com o pacto de familia, assignado em Paris em principios do anno seguinte.

Apenas o soltaram seguiu para o seu destino de ir visitar a Italia; no que podemos acreditar quanto interesse devia pôr tanto elle como o seu patricio José Basilio, ambos tão seguidores de Virgilio, e tão lidos ambos na litteratura de

..... il bel paese  
Ch' Apennin parte, il mar circonda e l'Alpe.

definição da Italia deixada por Petrarcha, que serve de epigraphe á Corina, e que o nosso poeta José Basilio adopta (cant. 3.º pag. 45).

Em 1772 reformou-se a universidade de Coimbra e foi nomeado reitor D. Francisco de Lemos, seu contemporaneo, compatricio, e amigo pelo modo como d'elle se lembra o poeta (C. X. est. 79).—E ou esta nomeação, ou alguma outra circumstancia que fez a Durão desviar os seus receios, o trouxe de novo a Portugal, e veio propôr-se a um concurso de oppositor em theologia. Em 1778 devia ter sido recentemente admittido na mesma universidade, pois foi no mencionado anno quem recitou a oração de sapiencia na abertura, o que de ordinario toca aos oppositores mais modernos. D'esse interessante discurso impresso no mesmo anno, in-4. com o titulo—*Josephi Duram Theologi Conimbricensis O. E. S. A. pro annua studiorum instauratione oratio*—se confirmam as suas viagens á Italia. Se bem que ás vezes empolado e com uma ou outra hyperbole, passa por uma das mais eloquentes peças em latim, que se tem proferido em tal acto de ostentação solenne. Por vezes é sublime; algumas emprega tal concisão, que em poucas palavras encerra muita belleza e philosophia. Tal é a pintura que faz dos melhores reis portuguezes, que longe de se conservarem sempre na sua côrte, visitavam de continuo as terras interiores do seu reino, como um bom pai de familias que vai ver seus filhos já homens, d'elle apartados para crear e felicitar novas familias. « *Hæc indoles, hæc facies, hæc primeva gentis nostræ lex erat* » diz depois o orador-poeta.—Toca nas sciencias com variada lição e de não vulgar conceito, e em referencia aos antigos descobrimentos portuguezes diz que pelos esforços do príncipe navegador nasciam no seu tempo « ilhas com o nascer dos dias. »

Foi provavelmente só depois d'este anno que Durão começou o poema *Caramuru*, impresso em 1781—e que consta por tradição ter sido concluido em muito pouco. José Agostinho de Macedo, que então o conheceu e foi até seu confrade, testemunhou a muita facilidade com que Durão compunha, de ordinario descansando em um sítio de pedra junto á ribeira

de Cozellas, que passava na cerca do seu convento, a que pertencia esse ameno valle que ainda não ha muito fomos de novo visitar. Ahi era visto muita vez dictando com a maior facilidade ao amanuense, certo pardo liberto que elle trouxéra comsigo do Brasil, e a quem no accento patrio, que nunca perdeu, chamava *Bernardo Veio* assim o Caramuru a apparecer doze annos depois do Uruguay, e pôde bem crer-se que este ultimo concorreria a lembrar a composição d'aquelle, ao menos na mistura e tempera das côres. Nenhuma referencia faz porém a isso Durão. Depois da epigraphe tirada d'Ovidio (Metam. XV),

« Et quoniam Deus ora movet, sequar ora moventem.  
Rite Deum. »

diz apenas « Os successos do Brasil não mereciam menos um poema que os da Italia. Incitou-me a escrever este o amor da patria. Sei que a minha profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos de um religioso, porque o não foram de bispos e bispos santos; e o que mais é, de santos padres, como S. Gregorio Nazianzeno, S. Paulino e outros. »

Se bem que foi o livreiro Du-Beux quem tratou d'essa primeira edição com a imprensa, segundo consta da escripturação d'esta casa, cremos que durante ella se achava o poeta já em Lisboa, por quanto n'esta falleceu elle pouco depois no hospicio do *Colleginho*, pertencente á Graça, na rua dos Cavalleiros. Na igreja do mesmo hospicio foi enterrado, proximo dos degrãos que da capella mór vão para o claustro, segundo o testemunho do honrado P. M. Fr. João de Saavedra, hoje com 77 annos de idade, e que era noviço quando no inverno de 1783 a 1784, segundo a lembrança, veio o mestre dos noviços pedir um P. N. e uma A. M. pela alma do padre mestre Fr. José de Santa Rita, que acabava de fallecer. Por informação do outro religioso da mesma ordem, o Rev. P. M.

Fr. José de Lima, que vive em Coimbra com oitenta e tantos annos, consta que em mãos de seus confrades existiam copias de muitos sonetos, versos lyricos e até jocosos do mesmo Durão, que este não consentira que fossem impressos, e que naturalmente se perderam com a suppressão dos conventos.

A maior prova do genio do autor do *Caramurú* a dá elle quanto a nós na maneira, como soubo levantar e tornar epica e heroica uma acção e um individuo, que o não eram. A dicção do poema é sempre elegante e clara, a metrificacão facil e natural; e em todos os elementos necessarios ao poeta se mostra Durão merecedor de tratar dos mais sublimes assumptos. Todavia o amor da patria, como elle mesmo diz, incitava-o a escrever um poema em que tratasse dos *successos do Brasil*; e percorrendo a historia não achou elle assumpto mais digno para a sua *Brasiliada* do que o de « um heroe na adversa sorte. » O facto maravilhoso do *Caramurú* ainda então não corria averiguado, e houve mesmo quem ultimamente combatesse o ter acontecido, o que só depois de muito trabalho conseguimos provar n'uma dissertação, intitulada « *O Caramurú perante a historia* », que de daremos abaixo um excerpto (\*). Em algumas circumstancias da fabula se verá o poema, apesar de guiado seu autor por Vasconcellos, Brito Freire e Pitta, arredado do que averiguamos; mas todas essas differenças podemos nós hoje tomar como liberdades poeticas, sem attendermos ás intenções do autor. Já não assim nos episodios em que o mesmo poeta se converte ás vezes como o grande Camões em um historiador em verso, d'ordinario minucioso em demasia, embora nos dê elle tudo amenisado « com a viveza que tinha de imaginação » para nos servirmos das

(\*) Omittimos a publicacão do excerpto da interessante *Dissertação* a que se refere o autor d'este artigo, porque lencionamos imprimil-a na integra em um dos proximos numeros da *Revista*.

(Nota do Redactor.)

expressões com que o conceitua o Sr. Castilho, « com a alma affectuosa que o animava, com o seu estylo facil e ao mesmo tempo nobre, e com a sua versificação communmente boa e ás vezes muito boa... »

Em nossa opinião o acolhimento publico, a popularidade, ainda não fez justiça ao merito do *Caramuru*. E oxalá tenham sido d'isso origem só as causas que hoje procuramos remover. Todavia ainda assim tão pouco tem havido a seu respeito indifferença de bons juizes, que faça desconfiar o vir para o futuro a ser tão popular como merece. José Agostinho apreciava-o tanto que chegou a ser accusado pelo seu antagonista Pato Moniz de o ter a lugares imitado;—Bocage, segundo o testemunho de nosso amigo e consocio o Sr. Doutor Francisco Freire de Carvalho, ainda pouco antes de fallecer contava o *Caramuru* com um dos livros mais queridos da sua minguada livraria;—o Sr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha, autor de tantas obras em verso, a nós mesmos nol-o recommendou como o primeiro epico portuguez abaixo de Camões.

E passando a invocar autoridades dos que vivem: o Sr. Eugène Garay de Monglave traduziu-o em francez; o Sr. Ferdinand Denis é de opinião que indicando elle já então bem a tendencia da poesia americana, é uma « epopéa nacional brasileira que interessa e enleva; » o Sr. Garrett escreve que « onde o poeta se contentou com a simples expressão da verdade ha oitavas bellissimas, ainda sublimes. »

E pois que o nosso fraco juizo se não póde proferir ao pé dos de tantas summidades litterarias, ousamos invocar a memoria do mais fino critico em litteratura dos tempos modernos, de Schlegel, e pelos laços de nacionalidade que unem os nossos nomes, quizeramos entrecalar entre as suas linhas as que ousamos formular segundo os seus principios. Por ventura Schlegel, que recommenda as estancias de Tasso pelo sentimento cavalheiroso de honra, de que estão repassadas; e as de Camões pela inspiração ardente do heroismo nacional, não estremaria as de Dürão pela unção edificante e pintura do amor casto? Não

imaginamos creatura mais religiosa do que Diogo Alvares, nem mais castidade do que a de sua esposa, virtuosa Eva de Milton, terna como a Herminia de Tasso. E serão sempre lidas com prazer as pinturas do naufragio, do homem civilizado a par do selvagem, do moribundo, da anthropophagia, dos dez mandamentos, e os preparativos para um sacrificio do canto 1.º; a descripção de uma aldeia de indigenas no canto 2.º (est. 58 a 68); a existencia de Deus no canto 3.º; além das mui conhecidas passagens do episodio de Moema, e das descripções da canna d'assucar, do tabaco, da mandioca, da sensitiva, do ananaz, do coco, da preguiça, do camaleão, etc.

*F. A. de Varnhugen.*

---